



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)  
ISSN 2177-3688

**GT 6 – Informação, Educação e Trabalho**  
Comunicação Oral

**O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL  
DOS IDOSOS: UM OLHAR PARA AS NECESSIDADES  
INFORMACIONAIS DESSES INDIVÍDUOS<sup>1</sup>**

***INFORMATION LITERACY OF ELDERLY PEOPLE: AN APPROACH TO  
INFORMATION NEEDS***

**Djuli Machado De Lucca, UFSC**  
djuli\_mdl@hotmail.com

**Elizete Vieira Vitorino, UFSC**  
elizete.vitorino@ufsc.br

**Resumo:** apresenta os resultados da pesquisa de mestrado concluída em 2015 que objetivou compreender o desenvolvimento da Competência Informacional nos idosos a partir da dimensão política e na perspectiva das necessidades de informação. Para tal, caracteriza, de acordo com a literatura científica e nos discursos de idosos, as diferentes percepções da dimensão política da Competência Informacional e descreve, de acordo com a literatura científica e nos discursos de idosos, as necessidades informacionais desses indivíduos. Para a busca na literatura, utiliza de levantamento bibliográfico que contempla os temas Competência Informacional, política e idosos. Para a busca nos discursos de idosos, realiza interrogação direta, face-a-face, caracterizada como entrevista. A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é escolhida para a análise de dados por se tratar de uma técnica que revela as representações sociais sob a forma de um discurso-síntese escrito na primeira pessoa do singular, o qual visa expressar o pensamento de uma coletividade. Infere, a partir dos depoimentos, que o discurso político está em foco na abordagem sobre a Competência Informacional do idoso: a questão da liberdade, da cidadania e da participação política mediante a apropriação da informação. Finaliza, sugerindo algumas iniciativas para promover a Competência Informacional sob o foco do Profissional da Informação e propõe diretrizes para o desenvolvimento desta competência no idoso.

**Palavras-chave:** Competência Informacional. Profissionais da Informação. Necessidade de informação. Idoso.

**Abstract:** This article introduces the results of a master's research concluded in 2015, which aimed to understand the information literacy's political dimension of elderly people, from information needs' perspective. To this end, this study characterize, according to the scientific literature and from the senior's speech, some perceptions of the political dimension of information literacy and describe,

---

<sup>1</sup> O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

according to the scientific literature and from the senior's speech, information needs of elderly people. For searching meanings from literature, this study makes a bibliographical survey which covers Information Literacy, political and elderly's subjects. For searching meanings from senior's speech, this study makes a face-to-face interview. The data analysis technique is called "Discurso do Sujeito Coletivo", which aims to disclose social representations. This technique is a speech synthesis, in the first person singular, which manifests collective thoughts. The study concludes that there is a political manifestation in the elderly's speech, which involves freedom, citizenship and political participation from the use of information. It finalizes the study suggesting some initiatives for the promotion of information literacy from the professional of information's matter, and purposing guidelines for the Information Literacy's focus.

**Keywords:** Information Literacy. Professional of Information. Information needs. Elderly people.

## 1 INTRODUÇÃO

Consideramos a Competência Informacional como uma temática interdisciplinar que recebe contribuições de algumas áreas do conhecimento, como a Ciência da Informação, a Pedagogia, a Administração e a Enfermagem, entre outras. São muitos os vieses a serem explorados, e existem diversas teorias a respeito do fenômeno. Porém, as teorias partem de uma premissa básica: só podemos compreender a Competência Informacional a partir da sua manifestação no ser humano, e o comportamento humano é "inacabado, contraditório, e em permanente transformação" (MINAYO, 2000).

Um indivíduo competente em informação é capaz de encontrar, avaliar e usar a informação eficazmente na solução de problemas e na tomada de decisão (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989); ou seja, a Competência Informacional trata de um processo que pode ser desenvolvido nos indivíduos, observando a cognição de cada um. Constitui-se de um fluxo, o qual envolve o reconhecimento de necessidades informacionais; a busca de fontes de informação para atender às necessidades; a avaliação do conteúdo informacional encontrado para determinar se este pode atender à demanda informacional; e o uso efetivo da informação para a trajetória de vida.

No fluxo da Competência Informacional, a necessidade de informação constitui a primeira etapa. Essa necessidade, segundo Le Coadic (1996), é caracterizada por um estado de conhecimento no qual o indivíduo se encontra quando se confronta com a exigência de uma informação que lhe falta e lhe é necessária para prosseguir um trabalho ou agir em determinada situação. Quando este sujeito é competente em informação, ele sabe de suas necessidades informacionais e busca encontrar a informação mais apropriada para supri-las.

Já observamos que esta competência pode ser desenvolvida de maneira diferente, de acordo com as características particulares dos indivíduos. O grupo de idosos apresenta algumas características que tornam o processo de desenvolvimento da Competência

Informacional ímpar, como por exemplo, o declínio cognitivo, inerente ao processo de envelhecimento (CHARCHAT-FISHMAN *et. al.*, 2005). Os idosos também possuem um convívio social característico: é comum observarmos grupos de idosos que desenvolvem atividades em conjunto – são os chamados “grupos de idosos” ou “grupos da terceira idade” ou ainda “grupos da melhor idade”. Essas atividades possibilitam a inserção social e demonstram o interesse do idoso de estar em grupo, de compartilhar as experiências, de viver coletivamente. A busca pelo coletivo também faz parte da Competência Informacional: é a dimensão política, que representa a dimensão coletiva, aquela que designa o ser político, o homem que na sociedade constrói suas relações e exerce sua cidadania participando da vida pública (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Dessa forma, neste estudo procuramos compreender o desenvolvimento da Competência Informacional nos idosos a partir da dimensão política e na perspectiva das necessidades de informação. Ressaltamos que a pesquisa faz parte de um trabalho em nível de mestrado e concluído em 2015.

Neste estudo, nos propomos a apresentar os resultados da pesquisa de mestrado, os quais consistem em: a) caracterizar, de acordo com a literatura científica e nos discursos de idosos, as diferentes percepções da dimensão política da Competência Informacional; b) descrever, de acordo com a literatura científica e nos discursos de idosos, as necessidades informacionais desses indivíduos.

## **2 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Nossos objetivos contemplam a busca da dimensão política da Competência Informacional nos idosos, tanto na literatura, quanto na experiência dos sujeitos. Para alcançar esses objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica (para buscar os significados na literatura científica) e uma pesquisa de campo, que envolveu a interrogação direta aos sujeitos da pesquisa (para compreender a experimentação do objeto de pesquisa por parte do sujeito).

No caso da pesquisa bibliográfica, nosso objetivo foi reunir as fontes bibliográficas com vistas a construir os conceitos sobre os temas que envolvem a pesquisa. Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico a partir de bases de dados científicas com cobertura internacional (*Web of Science, Scopus, Library and Information Science Abstracts (LISA)* e o portal SciELO), do Catálogo da Rede de Bibliotecas Universitárias da Universidade Federal de Santa Catarina, além da consulta a outros documentos que envolvem os temas contemplados no estudo. Foram considerados úteis para a pesquisa os estudos publicados em

português, inglês e espanhol que abordam assuntos relacionados à Competência Informacional, necessidades de informação, idoso, terceira idade, qualidade de vida do idoso, relações sociais do idoso, política e filosofia política.

Com relação à pesquisa de campo, nosso objetivo foi ouvir os idosos sobre algumas de suas percepções sobre necessidades de informação para o desenvolvimento da Competência Informacional a partir de uma perspectiva política. Para tal, realizamos uma interrogação face-a-face (abordagem caracterizada como entrevista), de forma direta, ampla e geral, para que os próprios sujeitos pudessem construir o significado de suas experiências.

Na entrevista, de caráter semiestruturado, utilizamos o roteiro para uma orientação básica, com possibilidade para novas perguntas na medida em que fossem necessárias. Ressaltamos que os idosos foram entrevistados individualmente, e a participação na pesquisa ocorreu mediante a aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também colhemos algumas informações sobre as características dos sujeitos entrevistados, que aconteceu por meio de um formulário.

Os sujeitos entrevistados estão vinculados ao Centro de Atenção à Terceira Idade (CATI), do Município de São José, Estado de Santa Catarina, o qual foi escolhido por representar o núcleo metropolitano da região de Florianópolis, que engloba as cidades de Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara.

O município de São José é referência para o Estado de Santa Catarina com relação à atenção ao idoso. Esse município possui 48 grupos da terceira idade vinculados à prefeitura, que atendem diretamente aproximadamente 3000 indivíduos. A assistência ao idoso no município acontece por meio da Secretaria de Assistência Social. Ainda, o município de São José dispõe do Centro de Atenção à Terceira Idade (CATI), que atende aproximadamente 600 idosos, e é um ambiente construído especialmente para as atividades de lazer e educação para este grupo de pessoas. O CATI foi o ambiente escolhido para a pesquisa de campo.

Os discursos dos idosos foram analisados qualitativamente. Sabemos que os métodos de análise qualitativa “são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes” (DIAS, 2000).

A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi escolhida para a análise de dados por se tratar de uma técnica que revela as representações sociais, considerando as relações entre os sujeitos e as similaridades entre os pensamentos. Lefèvre e Lefèvre (2005) caracterizam o DSC como uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas

qualitativas, que tem depoimentos como matéria-prima, sob a forma de um ou vários discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, que visa expressar o pensamento de uma coletividade. Portanto, os discursos dos idosos formam um único discurso, e, a partir desse instrumento, podemos formar uma única representação dos sujeitos sociais.

### **3 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS**

Podemos considerar a Competência Informacional como uma disciplina científica estudada sob diversos enfoques na literatura nacional e internacional. Assim como qualquer disciplina que é explorada sob muitos prismas, diversos são os desacordos conceituais. Porém, de modo geral, a Competência Informacional significa a capacidade que o indivíduo desenvolve para reconhecer quando uma informação é necessária: a capacidade de localizar, acessar, avaliar, utilizar, aplicar e criar essa informação (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989; IFLA, 2005), de forma consciente, criativa e benéfica (VITORINO; PIANTOLA, 2009), para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade (IFLA, 2005).

A Competência Informacional se desenvolve no ser humano: é somente no indivíduo que podemos compreender a sua dinâmica. Desse modo, o indivíduo competente em informação é aquele que “tem uma profunda consciência, conexão e fluência com o ambiente informacional” (LLOYD, 2003, p. 2, tradução nossa); é, portanto, o indivíduo que está sensibilizado do papel que a informação pode desempenhar na sua trajetória de vida.

Ao desenvolver a Competência Informacional os aprendentes beneficiam-se das oportunidades oferecidas pela sociedade da informação: liberdade, cidadania e participação política, na medida em que essa habilidade prepara “indivíduos educados e membros autônomos da sociedade contemporânea, com estrutura e capacidade para construir significados para sua própria vida e para participar de forma consciente e reflexiva na vida pública” (SHAPIRO; HUGHES, 1996, p. 5, tradução nossa). É por este motivo que a Competência Informacional contempla a emancipação na era da informação.

Essa competência se desenvolve, segundo Vitorino e Piantola (2011), a partir de quatro dimensões: técnica, estética, ética e política. A técnica é o “fazer” da Competência Informacional, enquanto a estética representa a dimensão sensível, que se revela como a dimensão da vida, relativa aos sentimentos e às percepções pessoais (ORELO; VITORINO, 2012). Já a ética representa a dimensão fundamental da Competência Informacional, estando presente nos bons costumes que preservam o bem viver dentro do contexto social (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

A dimensão política da Competência Informacional compreende o homem enquanto ser social, membro de uma comunidade/sociedade. Política de um modo geral significa a vida do ser humano vinculado à *Pólis*, que é, segundo Chaui (CHAUI, 2010, p. 434):

entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos (*politikós*), homens livres e iguais nascidos em seu território, portadores de dois direitos inquestionáveis, a isonomia (igualdade perante a lei) e a isegoria (a igualdade no direito de expor e discutir em público opiniões sobre ações que a cidade deve ou não deve realizar).

O princípio que rege a *Pólis* é a igualdade, a qual é formada para atender “um bem maior”, que é o bem comum. Para o desenvolvimento da Competência Informacional, a política traz contribuições à utilização da informação com o propósito do bem maior, o qual envolve, dentre outros, responsabilidade política, cidadania, e, principalmente, liberdade.

Essas concepções podem ser encontradas na literatura. Dudziak (2008), por exemplo, afirma que a Competência Informacional promove a participação efetiva na sociedade, o que constitui o princípio de participação política; enquanto Hatsbach e Olinto (2008) acreditam que essa competência proporciona ao indivíduo a participação na construção da cidadania (HATSCHBACH; OLINTO, 2008). Ainda, a American Library Association (ALA) (1989) observa a Competência Informacional como uma forma de empoderamento pessoal, por permitir que “as pessoas aceitem ou recusem a opinião de especialistas e se tornem independentes na busca pela verdade”. No conceito da ALA, a liberdade política, vinculada à independência, é vista como um objetivo do movimento da Competência Informacional.

Entendida como um processo, a Competência Informacional se desenvolve por meio de etapas: é como um “ciclo”, que envolve o reconhecimento de necessidades informacionais; a busca de fontes de informação para atender às necessidades; a avaliação do conteúdo informacional encontrado para determinar se este pode atender à demanda informacional; e o uso efetivo da informação para a trajetória de vida.

No fluxo da Competência Informacional, a necessidade de informação constitui a primeira etapa. Miranda (2006, p. 102), com base nos estudos de Le Coadic (1998) afirma que as necessidades de informação

traduzem um estado de conhecimento no qual alguém se encontra quando se confronta com a exigência de uma informação que lhe falta e lhe é necessária para prosseguir um trabalho. Ela nasce de um impulso de ordem cognitiva, conduzido pela existência de um dado contexto e pela constatação de um estado de conhecimento insuficiente ou inadequado.

A autora, ainda com base em Le Coadic (1998), ressalta que a necessidade de informação “é uma necessidade derivada, comandada pela realização de uma necessidade fundamental [...] não pode estar separada do contexto, da situação, do ambiente, que são essenciais para estabelecer o seu diagnóstico” (MIRANDA, 2006, p. 102).

Martínez-Silveira e Oddone (2007) também esclarecem sobre a característica da necessidade de informação como uma necessidade derivada, e ainda afirmam que estas geralmente se originam de situações relacionadas à vida e a atividades cotidianas dos indivíduos. Miranda (2006) também nos esclarece que a necessidade de informação nasce dos papéis dos indivíduos na vida social, como, por exemplo, de uma situação no trabalho.

Independentemente de qual seja o contexto maior, Kuhlthau (1991) ressalta que a necessidade de informação gera um sentimento de inquietação, de frustração e de ansiedade: acontecem devido à percepção de que “algo está errado”. Esses sentimentos são saudáveis, pois desencadeiam no indivíduo a necessidade de identificar essa necessidade, e então, iniciar o processo de busca pela informação. No caso desta pesquisa, este indivíduo é o idoso, e possui características particulares que influenciam no desenvolvimento da competência.

Durante muito tempo, o período da velhice foi marcado pela decadência e incapacidade, porém atualmente percebemos que esta camada da população tem conquistado qualidade de vida. Muitos idosos, inclusive, rejeitam a denominação “idoso”, por serem indivíduos ativos, em pleno vigor mental, e inseridos no círculo social. Esses não se sentem enquadrados no estereótipo do “vovô de chinelos e pijama sentado na cadeira de balanço” ou a vovó “tricotando e tomando conta dos netos” (MASCARO, 2004, p. 68). Dessa forma, surge a expressão “Terceira Idade”, a qual representa o envelhecimento ativo e independente. Essa nova denominação converte-se em uma nova etapa da vida onde a ociosidade simboliza a prática de novas atividades e o dinamismo (PEIXOTO, 2007, p. 76). Desse modo, sob o signo da Terceira Idade, o idoso aceita sua condição – a da “quase velhice” – sem se considerar enquadrado no perfil de velho, ou, até, idoso.

A qualidade de vida ganha novos significados na velhice. O estudo de Dalla Vecchia et. al. (2005) abordou a percepção dos idosos com relação à qualidade de suas vidas. A pesquisa constatou que, para o idoso, a qualidade de vida acima de tudo significa preservar os relacionamentos interpessoais, que consiste em “manter fortalecidos em número e qualidade os vínculos com a família, contribuindo se possível com a educação de filhos e netos, bem como estendendo a vizinhos e amigos” (DALLA VECHIA *et. al.*, 2005, p. 249)

Dessa forma, entendemos que os idosos valorizam, ainda acima da saúde e de hábitos alimentares (que foi a segunda opção assinalada pelos entrevistados da pesquisa de Dalla

Vechia), a preservação e o estabelecimento de relações sociais e a prática de atividades de lazer em conjunto com o próximo.

Pelo fato de as relações sociais serem privilegiadas no grupo de idosos, podemos perceber a proliferação de iniciativas de formação de “grupos da terceira idade”.

Portella (2004, p. 26) menciona que, nos grupos da terceira idade,

as pessoas organizam-se em grupos para fazer ginástica, dançar, cantar, conversar, viajar, frequentar fóruns de debate e seminários temáticos; para trocar ideias e experiências e como forma de lutar contra a estagnação social da velhice e de viver saudavelmente essa etapa da vida.

Os grupos da Terceira idade promovem a dimensão coletiva, proporcionando o sentimento de bem-estar no idoso. Promovem, ainda, a cidadania, na medida em que reunidos, os idosos percebem que têm força para transformar a realidade social em que vivem (PORTELLA, 2004, p. 61). Além disso, acreditamos que os grupos de terceira idade constituem um espaço de aprendizagem, pois a partir da troca de dados sobre situações diversas, os idosos suprem suas necessidades de informação e involuntariamente contribuem para o desenvolvimento da Competência Informacional.

Segundo a UNESCO: “a aprendizagem ao longo da vida para os mais velhos assumiu um novo significado, pois prepara essas pessoas para novos tipos de trabalho, serviços sociais e comunitários e atividades de lazer” (UNESCO, 2009, p. 16). Porém, o esforço adicional necessário para desenvolver formas alternativas de procurar e processar informação ocorre em um momento da vida em que os indivíduos estão menos propensos a ter a capacidade mental, física e social para poder desenvolver a Competência Informacional (WILLIAMSON; ASLA, 2009).

Talvez, por essa constatação, a UNESCO considere o grupo de idosos como vulnerável (UNESCO, 2009), ou seja, uma população que precisa, majoritariamente, desenvolver a Competência Informacional devido à condição social na qual está inserida. No documento denominado “educação e aprendizagem para todos: olhares dos cinco continentes” a UNESCO chama a atenção para o aprendizado ao longo da vida dos grupos vulneráveis (ignorantes, pobres, indígenas, camponeses, idosos, etc.), os quais ainda são raramente contemplados em pesquisas científicas e em programas de educação e de desenvolvimento da Competência Informacional.

Realmente, observamos a partir do levantamento bibliográfico que o grupo de idosos não está contemplado em programas de desenvolvimento da Competência Informacional:

recuperamos apenas dois artigos que tratam dos assuntos “*Information Literacy*” e “*elderly*” concomitantemente. Além disso, na pesquisa realizada por Williamson e Asla (2009), constatou-se que os idosos não têm sido considerados na literatura científica sobre Ciência da Informação, o que indica a carência de estudos e práticas voltados ao tema.

Os estudos que o levantamento bibliográfico recuperou tratam-se de pesquisas relevantes para a compreensão do desenvolvimento da Competência Informacional do idoso. São elas: *Teaching with Tiffany's: a “go-lightly” approach to Information Literacy instruction for adult and senior learners*, de Gust (2006); e também *Information behavior of people in the fourth age: implications for the conceptualization of Information Literacy*, de Williamson e Asla (2009).

As perdas cognitivas e afetivas dos indivíduos que sofrem o processo de envelhecimento refletem no seu comportamento informacional, é o que nos aponta Williamson e Asla (2009). As necessidades de informação não são identificadas com tanta facilidade, e podem ser que também aconteçam menos no grupo de idosos.

Os recursos informacionais utilizados para a busca da informação também diminuem com o decorrer da idade do indivíduo, a partir do início da velhice. Quando restam poucos recursos, a preferência dos idosos é a consulta a outros indivíduos como fonte de informação: profissionais, amigos, familiares. Os recursos tecnológicos representam pouca aceitação: a preferência dos idosos é o recurso “cara-a-cara”, numa intensa interação social (WILLIAMSON; ASLA, 2009).

Pelo fato de a necessidade e busca pela informação estarem comprometidas em decorrência das “perdas”, Williamson e Asla (2009) ressaltam que a solução pode se dar a partir da aquisição da “informação acidental”. Para os autores, a informação acidental é adquirida independentemente da necessidade e da busca pela informação: é gerada na conversa informal com amigos, ou pelos meios de comunicação em massa, notadamente a televisão, jornal e rádio. Para Gust (2006), o educador deve estar consciente dessas “perdas”, e a chave para atender a esta especificidade é: *keep it simple*. Ou seja, oferecer o mínimo de conteúdo possível, de uma forma mais simples possível. Para a autora, quanto mais conteúdo for oferecido, menor será a sua absorção (GUST, 2006).

Assim, uma das alternativas para a melhoria do desenvolvimento da Competência Informacional no idoso concentra-se na formação do que os autores chamam de *Information Grounds*, conceito criado por Pettigrew (1999), constituído por grupos que se reúnem para um propósito específico, e compartilham informação quando a intenção principal não é esta. Já existem grupos com essas características ao redor do mundo, porém, na proposta de

Williamson e Asla (2009) trata-se de formar *Information Grounds* artificiais. Um exemplo dessa iniciativa pode ser a prática da Universidade Estadual de Michigan, relatada por Gust (2006). O que importa em um *Information Ground* é a interação social, e qualquer iniciativa que envolva a formação de redes sociais é válida.

Dessa forma, entendemos que hoje o movimento da Competência Informacional representa liberdade, democracia, autonomia, empoderamento, inclusão social, desenvolvimento econômico, qualidade de vida, independência e felicidade. Pode-se também atribuir outros sentidos para a vida dos cidadãos, na medida em que cada um experimenta “a emoção de suas próprias missões bem-sucedidas para o conhecimento” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989, p. 1, tradução nossa).

Em suma, o levantamento bibliográfico mostrou que as pesquisas sobre o idoso não dão conta de trazer uma contribuição significativa à Competência Informacional e tão pouco oferecem subsídios para novas práticas. Isso nos motiva a prosseguir com o estudo aqui relatado e a contribuir para o *corpus* teórico dessa temática.

#### **4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO**

O DSC apresentado a seguir reúne as concepções de um idoso participante do CATI, predominantemente do sexo feminino, de aproximadamente 69 anos, ativo na sociedade e que considera a sua própria qualidade de vida como boa. Foram 8 idosos entrevistados, constituindo-se numa amostra adequada para o estudo realizado, tendo em vista que, nas pesquisas com abordagem qualitativa e que utilizam a técnica do DSC, o número de sujeitos entrevistados pode ocorrer em pequeno número, tendo em vista que resultam em conteúdos exaustivos de transcrições e de utilização de elementos de análise dos dados.

Quanto aos discursos individuais dos idosos, constituintes do DSC, estes geraram aproximadamente 2 horas (120 min.) de gravação de áudio. Quanto ao conteúdo relacionado ao tema de pesquisa, este originou 34 páginas de transcrição de entrevistas, resultando no discurso central de mais de novecentas palavras, o qual foi condensado neste artigo, com vistas a facilitar a visualização dos resultados. A coleta de dados (entrevista) foi realizada no CATI São José, Santa Catarina e a intenção foi compreender as experiências relacionadas à Competência Informacional e à dimensão política do sujeito do CATI a partir da percepção dele mesmo, ou seja, como o indivíduo experimenta o fenômeno.

### **Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)**

*Com o conhecimento posso fazer escolhas mais conscientes: assim, sei que eu vou fazer as escolhas certas, e não vou errar tanto. Assim, o conhecimento me ajuda a pensar mais nas decisões. Acredito que é importante compartilhar a informação, ser “multiplicador”; seja ao conversar com pessoas mais jovens, ou com pessoas experientes: eu acredito na importância de ser um multiplicador e já estou praticando. Eu também sinto que ainda falta conhecimento. Sinto necessidade de informação para construir conhecimento da vida e das pessoas, ou para identificar doenças, pois muitas vezes sinto algumas coisas e não sei o que são. Para esclarecer minhas necessidades de informação, costumo recorrer às pessoas próximas a mim. Geralmente, eu vou buscar conhecimento conversando com pessoas mais esclarecidas do que eu: pode ser com pessoas da família, meu filho, ou com meu neto; ou com profissionais: se é problema de saúde, eu procuro o médico, ou se é lei, o advogado, se é um problema de arquitetura, eu vou procurar um engenheiro. Para a maioria das necessidades de informação, eu posso ir à internet procurar, ou eu ligo a televisão, eu fico assistindo repórter... Sobre a liberdade, significa seguir o que quero fazer, sem que ninguém que me prive de nada. A informação tem muito a contribuir: caso não tivesse acesso, eu não poderia pegar um ônibus sozinho, eu não poderia ir ao banco porque eu não saberia usar o aparelho eletrônico... Sei que liberdade também envolve responsabilidade: o “faço o que quero” que mencionei anteriormente é entre aspas... A partir da informação, tenho facilidade de identificar minhas responsabilidades: através de conhecimento, sei até onde posso ir e até onde não posso ir. Acredito que o CATI é um ambiente que estimula meu desenvolvimento pessoal: aqui eu me desenvolvo mais, eu conheço uma diversificação de pessoas que já tem experiência, e converso muito com essas pessoas, faço amizades. Às vezes, conversamos sobre a história da gente, outras, nos ajudamos nas atividades, é como uma família: depois da minha casa, o CATI é meu outro lar, pois me ajudou a viver. Sinto-me como parte do coletivo, por isso, participo da comunidade de várias formas, realizando encontros bíblicos, ou sendo voluntário em núcleo espírita para ajudar a encaminhar as pessoas para tratamento, ou sendo presidente do meu núcleo local de saúde, ou até participando como o tesoureiro do grupo de idosos. Acredito que, a partir dessas responsabilidades, eu consigo auxiliar o coletivo de alguma forma, pois ajudar é a minha responsabilidade principal: eu estou aqui pra colaborar, o problema vem e tenho que ajudar! Acredito que a minha cidadania tende a ser mais rica quando tenho conhecimento. Eu, por exemplo, estou sensibilizado de alguns direitos, de determinadas leis que me favorecem. Para mim é uma alegria presenciar a evolução na cidadania do idoso: é uma alegria saber que hoje o idoso*

*tem muitos direitos e muitos deveres a cumprir. Porém, sei que ainda tem muita coisa a melhorar, e, para conquistar mais direitos, sei que tenho que trabalhar com os outros, coletivamente.*

No DSC apresentado, alguns eixos (focos principais), nos auxiliam, a partir do discurso, a compreender como esse fenômeno é “sentido” pelos idosos. São eles: a) competência Informacional para desenvolvimento durante a trajetória de vida: necessidades de informação e fontes utilizadas pelo idoso na busca pela informação; b) o conhecimento como fator de conquista da liberdade do idoso; c) vida em sociedade e interação social como forma de desenvolver a Competência Informacional do idoso; d) conhecimento como fator de construção da cidadania do idoso.

Esses eixos agregam-se para formar o desenvolvimento da Competência Informacional do idoso do CATI a partir de uma perspectiva política.

O primeiro eixo identificado consiste na utilização da informação para desenvolvimento durante a trajetória de vida. Lloyd (2003) nos esclarece que o indivíduo competente em informação tem uma profunda consciência, conexão e fluência com o ambiente informacional, ou seja, está sensibilizado do papel que a informação pode desempenhar na sua trajetória de vida. O sujeito coletivo discorre sobre a importância desse recurso ao afirmar: “*o conhecimento me ajuda a pensar mais nas decisões*” (DSC).

Ainda, esse sujeito acredita que a importância da informação é reconhecida na medida em que ela é compartilhada. O idoso se considera um “multiplicador”: “*eu acredito na importância de ser um multiplicador e já estou praticando*” (DSC). A intenção de compartilhar conhecimentos já é prevista na concepção de Bruce (1999): a autora destaca que o desenvolvimento da Competência Informacional na prática é marcado pela colaboração social ou interdependência entre os colegas.

O idoso reconhece: “*eu sinto que ainda falta conhecimento*” (DSC). Conforme nos afirma Kuhlthau (1991), o reconhecimento de NI é fundamental para que o idoso possa buscar pela informação, e, assim, possa encontrar uma solução para o problema informacional.

Sobre a origem dessas necessidades, lembramos que Martínez-Silveira e Oddone (2007) e Miranda (2006) afirmam que podem ser relacionadas a situações da rotina, a atividades cotidianas ou aos papéis dos indivíduos na vida social. Identificamos algumas necessidades relacionadas a essas situações: por exemplo, o idoso declara que sente NI com relação à saúde: “*algumas vezes sinto algumas coisas [sintomas] e não sei o que são*” (DSC).

Verificamos anteriormente que a condição de “perdas” do idoso demanda a disponibilização de informações claras e precisas, em vez de conteúdos complexos e detalhados. Por isso, Gust (2006) sugere: *keep it simple*. Talvez por necessitar de informações claras e que respondam à sua necessidade, o idoso elege o próximo como principal fonte de informação: “*eu vou buscar conhecimento conversando com pessoas mais esclarecidas do que eu*” (DSC). O idoso relata que busca familiares, profissionais, ou, até, professores universitários. Williamson e Asla (2009) já haviam relatado: a preferência dos idosos é o recurso “cara a cara”, em que a interação social é evidenciada.

Com relação ao segundo eixo, ressaltamos que na literatura científica sobre Competência Informacional, a liberdade é vista como autonomia, como forma de empoderamento pessoal por meio da absorção da informação (DUDZIAK, 2008). Sob a perspectiva filosófica, a liberdade pode ser entendida como emancipação, ou seja, a ação que possibilita ao ser humano sentir-se “livre das limitações, livre para agir conforme os desejos” (BAUMAN, 2001, p. 24).

O idoso do CATI relata que sua experiência sobre liberdade contempla “*seguir o que quero fazer, sem que ninguém me prive de nada*”. Também narra que o acesso à informação facilita essa conquista: “*caso não tivesse acesso, eu não poderia pegar um ônibus sozinho, eu não poderia ir ao banco [sozinho] porque eu não saberia usar o aparelho eletrônico...*” (DSC). Sob esse foco, este sujeito acredita que, a partir da apropriação da informação, alcança autonomia e independência.

Bauman (2001), na sua abordagem sobre emancipação, trata da carga de responsabilidade que a liberdade acarreta. Como liberdade significa “atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir”, é preciso que tenhamos a capacidade de equilibrar essa tríade, e isto só é possível “reduzindo os desejos e/ou a imaginação, ou ampliando nossa capacidade de ação” (BAUMAN, 2001, p. 24).

O idoso do CATI tem consciência que a liberdade envolve essa responsabilidade: “*o faço o que quero que mencionei anteriormente é entre aspas*” (DSC). A informação, segundo o idoso, também auxilia no alcance do equilíbrio da tríade: “*através de conhecimento, sei até onde posso ir e até onde não posso ir*” (DSC). Essa afirmação denota responsabilidade perante o coletivo (ética) e a busca da informação para compreender os limites que cada um tem perante a sociedade.

Sobre o terceiro eixo, ressaltamos que o ambiente do CATI proporciona qualidade de vida mediante atividades de lazer e de aprendizado, sejam elas físicas ou cognitivas. É por meio dessas atividades que o idoso incorpora a dimensão coletiva, pois elas acontecem em

conjunto e promovem intensa interação social. O discurso do idoso evidencia a afetividade e a sociabilidade frente às experiências que o CATI proporciona. Para o idoso:

*o CATI é um ambiente que estimula meu desenvolvimento pessoal: aqui eu me desenvolvo mais, eu conheço uma diversificação de pessoas que já tem experiência, e converso muito com essas pessoas, faço amizades. Às vezes, conversamos sobre a história da gente, outras, nos ajudamos nas atividades, [...] depois da minha casa, o CATI é meu outro lar, pois me ajudou a viver (DSC).*

Por meio do depoimento, podemos observar que, além da melhoria de saúde, o sujeito privilegia a convivência e a interação social que o ambiente proporciona. Essa relação é evidenciada pelos sujeitos: “*é como uma família*” (DSC).

Tal constatação corrobora com a afirmação de Dalla Vecchia *et. al.* (2005): a pesquisa publicada pelos autores confirmou que esse indivíduo acredita que qualidade de vida significa, mais do que saúde e hábitos alimentares, mas também a preservação de relacionamentos interpessoais, que envolve “manter fortalecidos em número e qualidade os vínculos com a família, contribuindo se possível com a educação de filhos e netos, bem como estendendo a vizinhos e amigos” (DALLA VECHIA *et. al.*, 2005, p. 249).

Com relação ao quarto eixo, observamos que a consciência política estimula o indivíduo a incumbir-se de responsabilidades no coletivo. Uma forma de exercer esta responsabilidade é o auxílio na construção da *Pólis*, ou seja, o ato de ajudar nas decisões da comunidade. Este idoso declara que procura atribuir-se de responsabilidades políticas:

*Sinto-me como parte do coletivo, por isso, participo da comunidade de várias formas, realizando encontros bíblicos, ou sendo voluntário em núcleo espírita para ajudar a encaminhar as pessoas para tratamento, ou sendo presidente do meu núcleo local de saúde, ou até participando como o tesoureiro do grupo de idosos. Acredito que, a partir dessas responsabilidades, eu consigo auxiliar o coletivo de alguma forma, pois ajudar é a minha responsabilidade principal: eu estou aqui pra colaborar, o problema vem e tenho que ajudar! (DSC)*

O ato de o idoso procurar estar no coletivo de alguma forma - participando das decisões políticas da comunidade ou auxiliando o próximo em situações do dia a dia – indica que esse indivíduo possui afluente dimensão política a partir da perspectiva do coletivo, e acredita nos ideais de comunidade (em que a generosidade é evidenciada) para viver melhor. Ainda, essas práticas representam legítimas formas de construção da cidadania desse indivíduo.

Esse sujeito acredita que o conhecimento auxilia na construção da cidadania: “*acredito que a minha cidadania tende a ser mais rica quando tenho conhecimento. Eu, por exemplo, estou sensibilizado de alguns direitos, de determinadas leis que me favorecem*” (DSC). A informação, ao que parece, ajuda na percepção dos direitos previstos em legislações, mas

também auxilia a desenvolver uma consciência crítica quanto a estes: *“porém, sei que ainda tem muita coisa a melhorar, e, para conquistar mais direitos, sei que tenho que trabalhar com os outros, coletivamente”* (DSC). Percebemos, neste recorte do DSC que, quanto à questão da legislação, emana a consciência coletiva, a participação política, movidas pelo sentimento de que “juntos somos mais fortes”.

As questões que discutimos nesta seção encaminham para uma reflexão: o idoso é um sujeito político naturalmente, ele acredita que só no coletivo a existência faz sentido, e que a generosidade é um atributo a permanecer na organicidade do ambiente. As qualidades identificadas por meio do discurso: generosidade, consciência de responsabilidade, gentileza; evidenciam a dimensão política afluída nesse sujeito.

Com relação à Competência Informacional, reforçamos que a dimensão política é uma das quatro dimensões fundamentais dessa Competência. Também podemos inferir, por meio da literatura, que o discurso político está em foco mesmo quando abordamos sobre a Competência Informacional de um modo geral: a cidadania e a interação social. Em suma, tanto a partir da percepção dos sujeitos quanto a partir dos aspectos teóricos e conceituais utilizados para a discussão da temática, percebemos que, para os idosos, a Competência Informacional pode ser desenvolvida com mais facilidade quando estamos no coletivo, em interação social com o próximo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, nos propomos a combinar duas questões pouco “lapidadas” na literatura científica internacional: a dimensão política (com base na Filosofia) da Competência Informacional e o desenvolvimento dessa Competência nos idosos, sob o foco das necessidades de informação. Também nos propomos a combinar teoria e prática: embasar-nos na literatura científica sobre os temas para termos subsídios e, então, compreendermos como esse movimento se manifesta nos sujeitos, segundo seus próprios discursos. Na medida em que exploramos a literatura científica sobre os temas envolvidos e também na medida em que os idosos discorreram sobre relações sociais, cidadania, liberdade e necessidades de informação, acreditamos os objetivos do estudo foram alcançados.

Sabemos que a experiência de interrogar os idosos nos auxiliou a compreender alguns vieses da Competência Informacional: sobre a dimensão política – pelo fato de ela estar latente no sujeito; sobre as necessidades de informação; sobre o desenvolvimento da Competência Informacional especificamente neste grupo – um tema praticamente inexplorado na pesquisa

científica.

Essa experiência de ouvirmos atentamente os sujeitos levou-nos a observar alguns aspectos que podem sugerir diretrizes para o desenvolvimento da Competência Informacional nos idosos. Sob o foco da dimensão política, o idoso competente em informação é capaz de: reconhecer a importância da informação para orientação de conduta na trajetória de vida; reconhecer necessidades de informação a partir de situações práticas do dia-a-dia; procurar a interação social com pessoas da rede de convívio para solucionar as necessidades informacionais (recurso cara a cara); conquistar a liberdade e autonomia por meio de decisões baseadas na informação adquirida; compartilhar informações e experiências com pessoas da rede de convívio, além de ajudar os próximos em diferentes contextos e, assim, enriquecer sua bagagem de conhecimentos e incorporar novas experiências de vida; imbuir-se de responsabilidades no coletivo, como forma de participação social e engajamento político; utilizar a informação para sensibilizar-se de seus deveres e direitos na sociedade e lutar pela construção da cidadania em conjunto, no momento em que participa da esfera social.

Esses elementos nos oferecem possibilidades para a criação de diretrizes para o desenvolvimento da Competência Informacional dos idosos, a partir de uma perspectiva do “agente”, ou seja, a partir da mediação realizada pelo Profissional da Informação.

Sob o foco profissional, iniciativas para desenvolver a Competência Informacional no idoso são oportunas. Corroboramos com a afirmação da ALA (1989), que ressalta que a Competência Informacional é o resultado de esforços mútuos entre Profissionais da Informação e profissionais de outras áreas (Educação, Administração, Psicologia, Sociologia, Filosofia, Ciência da Computação, por exemplo).

Por outro lado, ressaltamos a importância do Profissional da Informação no discurso da Competência Informacional, tal qual Campello (2003) afirma: a mediação é necessária, pois “o público em geral não é especialista em informação” (WOLTON; 2003).

Há que mencionar, nesse caso, a existência de um paradoxo: a teoria em Competência Informacional envolve liberdade e autonomia, porém, também elege os mediadores como figuras centrais. Sabemos que o discurso da Competência Informacional envolve a ideologia “*do it yourself*” (para o português, faça você mesmo), a qual prega autonomia, empoderamento pessoal, liberdade na utilização da informação – o que, hipoteticamente, dispensaria o processo de mediação. Porém, destacamos que não só os idosos, mas os sujeitos em geral necessitam de mediação informacional em situações informacionais específicas. Isso não significa que o discurso de liberdade e emancipação perde a validade, pois “a emancipação não reside mais em suprimir os intermediários, mas, ao contrário, em reconhecer seu papel” (WOLTON, 2003, p.

136).

Também, sabemos que o grupo de idosos – juntamente com os ignorantes, pobres, indígenas, etc. - é uma população considerada pela UNESCO como vulnerável (UNESCO, 2009). Populações vulneráveis são aquelas em que a pesquisa sobre a Competência Informacional e os esforços de Profissionais da Informação deveriam estar direcionadas: por se tratar de uma camada que tem carência de oportunidades, o desenvolvimento da Competência Informacional pode ser um mecanismo de inclusão social. Nossa percepção neste estudo evidencia um *gap* entre teoria e prática: na teoria, ressalta-se que os grupos vulneráveis devem ser os contemplados em pesquisas e práticas sobre a Competência Informacional, porém, a partir do levantamento bibliográfico, constatamos que existem poucos estudos relacionados sobre essas camadas da população na literatura científica.

Dessa forma, levantamos um novo questionamento: pesquisas com minorias e camadas “emergentes” quanto à Competência Informacional, podem possibilitar a inclusão social e contribuir para as questões sociais do planeta? Encontraremos a resposta – talvez provisória - a partir de pesquisas, mas principalmente de práticas e de ações, e esperamos que o estudo aqui apresentado seja um estímulo para investigações sobre a “dimensão” social da Competência Informacional.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential Committee on Information Literacy: final report. Washington, 1989. Disponível em:  
<<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRUCE, Christine Susan. Workplace experiences of information literacy. **International Journal of Information Management**, v.19, n.1, p.33-47, 1999. Disponível em:  
<<http://www.personal.kent.edu/~wjrobert/images/WorkplaceInfoLit.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília,D.F., v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/26>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

CHARCHAT-FISHMAN, Helenice; CARAMELLI, Paulo; SAMECHIMA, Koichi; NITRINI, Ricardo. Declínio da capacidade cognitiva durante o envelhecimento. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, n. 12, p. 79-82, 2005. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462005000100017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462005000100017&script=sci_arttext)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.

DALLA VECCHIA, Roberta; RUIZ, Tania; BOCCHI, Silvia Cristina Mangini; CORRENTE, José Eduardo. Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 246-252, jul./set., 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-790X2005000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2005000300006)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

DIAS, Carla Augusto. Grupo Focal: técnica de Coleta de Dados em Pesquisas Qualitativas. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Os faróis da sociedade da informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

GUST, Kara. Teaching with Tiffany's: A “go-lightly” approach to information literacy instruction for adult and senior learners. **Reference services Review**, v. 34, n. 4, p. 557-569, out./dez. 2006.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. OLINTO, Gilda. Competência em Informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.4, n.1, p. 20-34, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

IFLA – International Federation of Libraries Associations and Institutions. Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida. In: **National Fórum on Information Literacy**, 2005. Disponível em: <[www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html](http://www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

KUHLTHAU, Carol. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 361-371, set./out. 1991. Disponível em: <<http://ptarpp2.uitm.edu.my/silibus/insideseach2.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

LE COADIC, Yves. **A ciência da informação**. Brasília, D.F.: Briquet de Lemos, 1996.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005. 256 p. (Desdobramentos)

LLOYD, Annemaree. Information Literacy: the meta-competency of the knowledge economy? An exploratory paper. **Journal of Librarianship and Information Science**, s./l., v. 35, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://lis.sagepub.com/cgi/content/abstract>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha; ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 36, n. 2,

mai./ago. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/797>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 5, p. 1, p. 7-18, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 35, n.3, p. 99-114, set/dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/756/1616>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

ORELO; Eliane Rodrigues Mota; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez. 2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1614>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In.: BARROS, Myriam Moraes de Lins. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 69-85.

PORTELLA, Marilene Rodrigues. **Grupos de terceira idade**: a construção da utopia do envelhecer saudável. Passo Fundo: UPF, 2004. 176 p.

SHAPIRO, Jeremy; HUGHES, Shelley. Information Literacy as a liberal art: enlightenment proposals for a new curriculum. **EducomReview**, Washington, v. 31, n. 2, p. 31-36, mar./abr. 1996. Disponível em: <<https://net.educause.edu/apps/er/review/reviewarticles/31231.html>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

UNESCO. **Educação e aprendizagem para todos**: olhares dos cinco continentes. Brasília, D.F.: UNESCO, 2009. Disponível em: <[http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/INSTITUTES/UIIL/confintea/pdf/Preparatory\\_Conferences/Conference\\_Documents/Latin\\_America\\_-\\_Caribbean/confinteavi\\_olhares\\_5\\_continentes.pdf](http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/INSTITUTES/UIIL/confintea/pdf/Preparatory_Conferences/Conference_Documents/Latin_America_-_Caribbean/confinteavi_olhares_5_continentes.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da Competência Informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 40 n. 1, p.99-110, jan./abr., 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/1918>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

VITORINO, Elizete; PIANTOLA; Daniela. Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**; Brasília, D.F., v. 38, n.3, p.

130-141, set/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

WILLIAMSON, Kirsty; ASLA, Terryl. Information behavior of people in the fourth age: Implications for the conceptualization of information literacy. **Library and Information Science Research**, v. 31, n. 2, p. 76-83, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0740818809000073>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.